



Entre o espaço e o lugar:

considerações sobre o Campo de Santana e a Casa de Deodoro na dinâmica cultural e turística da cidade do Rio de Janeiro

Between space and place: considerations on the Campo de Santana and the Deodoro's house in the tourist and cultural dynamics of the city of Rio de Janeiro

Entre el espacio y el lugar: consideraciones sobre el Campo de Santana y la casa Deodoro en el turismo y las dinámicas culturales de la ciudad de Río de Janeiro

Ado Azevedo < design@adoazevedo.com.br >

Doutorando do Programa de Engenharia de Produção da (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Flávia Mattos < flaviamattos40@hotmail.com >

Doutoranda do Programa de Engenharia de Produção da (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Roberto Bartholo < bartholo.roberto@gmail.com >

Professor titular do Programa de Engenharia de Produção da (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebido 04-jul-2015

Aceite 07-nov-2015

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTES ARTIGOS

AZEVEDO, A; MATTOS, F; BARTHOLO, R. Entre o espaço e o lugar: considerações sobre o Campo de Santana e a Casa de Deodoro na dinâmica cultural e turística da cidade do Rio de Janeiro.

Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 15 n. 3., p.251-262, dez. 2015.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: O trabalho reflete sobre a distinção entre espaço indiferenciado e lugar significado, segundo o pensamento de Yi-Fu Tuan, em sintonia com a teoria dos sítios simbólicos de pertencimento de Hassan Zaoual. De modo complementar e paralelo essas considerações estão sendo aplicadas no contexto do projeto “Janelas Abertas para a República”, em curso na região do Campo de Santana e seu entorno, importante sítio histórico da formação cultural da cidade do Rio de Janeiro. Este projeto, visa estimular a visita desse sítio tendo a Casa Histórica de Deodoro, sob administração do Exército, como ponto de apoio para a realização de roteiros interpretados, bem como campo de experiência para ações e projetos multidisciplinares. O trabalho reflete sobre a transformação de “lugares de passagem” e/ou subutilizados, em “lugares de pausa” e/ou de encontros, como elementos capazes de redimensionar a relação dos indivíduos – moradores e visitantes – na tessitura desses espaços/lugares.

Palavras-chave: Campo de Santana; Casa de Deodoro; Lugar.

Abstract: The work reflects on the distinction between undifferentiated space and place meaning, according to the thought of Yi-Fu Tuan, in line with the theory of symbolic sites of Hassan Zaoual belonging. Of complementary and parallel these considerations are being applied in the context of the “Open windows for the Republic”, ongoing in the Campo de Santana region and its surroundings, an important historical site of the cultural background of the city of Rio de Janeiro. This project aims to stimulate visitation of this site with the Historic House of Deodoro, under the administration of the army, as a fulcrum for holding interpreted scripts, and field experience to actions and multidisciplinary projects. The work reflects on the transformation of “passing places” and / or underutilized in “pause places” and / or meetings, as elements able to resize the list of individuals - residents and visitors - in the fabric of these spaces / places.

Keywords: Campo de Santana; Casa de Deodoro; Place.

Resumen: La obra reflexiona sobre la distinción entre el espacio indiferenciado y lugar significado, de acuerdo con el pensamiento de Yi-Fu Tuan, de acuerdo con la teoría de los lugares simbólicos de Hassan Zaoual pertenencia. De complementarias y paralelas estas consideraciones se aplican en el contexto de proyecto “ventanas abiertas de la República”, en curso en la región del Campo de Santana y su entorno, un sitio histórico importante del trasfondo cultural de la ciudad de Río de Janeiro. Este proyecto tiene como objetivo estimular la visita de este sitio con la Casa Histórica de Deodoro, bajo la administración del ejército, como un punto de apoyo para la realización de guiones interpretados, y la experiencia de campo a las acciones y proyectos multidisciplinares. La obra reflexiona sobre la transformación de los “lugares de paso” y / o subutilizada en “lugares de pausa” y / o reuniones, como elementos capaces de cambiar el tamaño de la lista de personas - los residentes y visitantes - en el tejido de estos espacios / lugares.

Palavras clave: Campo de Santana; Casa de Deodoro; lugar.

Introdução

O artigo aborda a região do Campo de Santana um importante sítio da formação da cidade do Rio de Janeiro apoiado em ideias de Yi-Fu Tuan, sobre espaço e lugar e de Hassan Zaoual, sobre sítios simbólicos de pertencimento. Ele tem como suporte projetos de pesquisa atualmente em curso: “Palácios do Rio II – Turismo Cultural na Casa de Deodoro”, desenvolvido pelo Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social – LTDS, com o apoio do Curso de Turismo da UNIRIO e em parceria com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx), financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa (FAPERJ), “Programa Prioridade Rio – apoio aos estudos de temas prioritários para o Governo do Estado do Rio de Janeiro 2014”.

O projeto que ganhou o nome fantasia “Janelas Abertas para a República” tem como foco o estímulo a visitas, e ações para transformar um espaço de passagem, em um lugar de pausa e um sítio de pertencimento. Para isso, se fundamenta na metodologia de Roteirização dialogal.

A Casa Histórica de Marechal Deodoro – um sobrado administrado pelo Exército brasileiro, subordinado ao Museu Histórico do Exército/Forte Copacabana, e a DPHCEx, localizado na Praça da República, nº 197 – é peça chave para o estudo sobre processos de abandono e “dessignificação” de sítios, oriundos da massificação de espaços em detrimento dos lugares no contexto contemporâneo.

O presente trabalho busca situar e entender a potencialidade da Casa de Deodoro, o Campo de Santana e seu entorno, como lugar significativo da cidade que, embora decadente do ponto de vista de “lugar”, permanece como referência no imaginário coletivo brasileiro e carioca.

A proposta de roteirização dialogal considera que, embora lugares contenham certas doses de “resistência” aos processos amnésicos, sem empenho e promoção de medidas de proteção e cuidado, esses tendem à extinção. O que se observa como espaço da Casa de Deodoro, no contexto atual de revitalização da região central da cidade é a potencialidade dessa Casa lugar propício e fértil ao surgimento de novos vínculos afetivos com o território.

O artigo está dividido em quatro tópicos: o primeiro aponta as ideias dos autores que inspiram a reflexão; o segundo dirige o olhar para o campo empírico e faz breve análise da problemática atual do contexto; o terceiro apresenta o projeto, seus valores e metodologia, e detalha de maneira preliminar o entendimento sobre a Casa Histórica de Deodoro. Por fim, são elencadas sugestões e desafios desse trabalho em andamento

Perspectivas teóricas: Yi-Fu Tuan e Hassan Zaoual

“O horizonte organiza a paisagem em um conjunto coerente, mas, simultaneamente, torna-o disponível para inúmeras outras organizações possíveis. Constitui um princípio de estruturação, como também de abertura” (COLLOT, 1989, apud, ZAOUAL, 2006, p 160)

De acordo com Yi-Fu Tuan (2012), *lugar* é um conceito que nasce na vivência do espaço. Este surge no campo simbólico a partir da experiência ao longo do tempo, o que cria vínculos identitários. Os “espaços”, entretanto, transformam-se em “lugares” quando há uma relação de afetividade, um elo entre as pessoas e os locais, definido pela noção de “topofilia” – tema abordado nas reflexões do geógrafo, com base em estudos sobre a percepção dos ambientes.

Em uma dimensão que engloba urbanismo, arquitetura e cultura, Yi-Fu Tuan (2013) distingue as sensações de espaço e lugar como resultado de uma dialética entre questões biológicas e culturais ao longo dos anos. O espaço e o tempo são o fluxo que permite o movimento, enquanto o *lugar é pausa*. Segundo esse teórico, há uma oposição entre lugar e espaço, pois a simples presença do homem impõe um lugar no espaço e o que desenvolve o amor humano, ou seja, o vínculo por um lugar, está imbricado ao diálogo, à visão do outro.

“Lugar é um mundo de significados organizados” e a cidade um centro de significado por excelência (...) o homem como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com as outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo à suas necessidades biológicas e suas relações sociais” (YU-FU TUAN, 2013 p. 49).

Para o autor o meio ambiente circundante não causa “topofilia”, mas age como um estímulo sensorial, pois dá forma às nossas alegrias e ideais. Assim, “as imagens da topofilia são derivadas da vida circundante, aspectos do ambiente que inspiram assombro ou prometem sustento e satisfação no contexto de finalidade de suas vidas” (YI-FU TUAN, 2012 p. 170).

Em sua concepção, o espaço e o tempo coexistem na dimensão simbólica e na construção do sentido de lugar. Além disso, a percepção do ambiente natural é construída a partir da articulação entre valores culturais e a forma e uso dos espaços que desenham um sistema de relações localizado no tempo. Para Yi-Fu Tuan (2013) a topofilia é uma função do tempo, ocorre em progresso entre o local físico e as interações sociais de modo próprio. Conforme Yi-Fu Tuan “A intenção de ir a um lugar cria um tempo histórico: o lugar é um objetivo no futuro. O futuro não pode ser deixado sem data e indefinido” (YI-FU TUAN, 2013 p.161).

Nesse sentido, a topofilia pode ter um aspecto transitório, sobretudo nas metrópoles em desenvolvimento, sujeitas a transformações substanciais no tecido urbano – com políticas urbanas que priorizam os valores do mercado em detrimento da cidadania. Nessa perspectiva, parece haver um “prazo de validade” para este elo com o lugar, que tende a enfraquecer e, até mesmo, se tornar vazio/nulo, como no caso de áreas urbanas deterioradas.

Com isso, uma área significativa simbólica para a cidade, que reúne memórias de um passado não garante a permanência e o privilégio de ser um lugar. Isso porque, no sentido dado por Yi-Fu Tuan, a ideia de “lugar” não é associada a limites físicos. Esse possui caráter socioespacial, onde a comunidade e o espaço definem um lugar próprio como uma perspectiva única a partir da cultura, dos hábitos, modos de vida e relações comunitárias em um meio ambiente.

De forma análoga à Yi-Fu Tuan, a teoria dos sítios de Hassan Zaoual, não define sítio como um lugar físico, mas como um “superespaço” localizado no tempo e no espaço, que possui uma infinidade de dimensões. Os sítios, portanto, não são espaços geométricos euclidianos e vazios de sentido. Não são aqueles “não-lugares” semelhantes as grandes estações ou a supermercados, nem se parecem aos sítios virtuais da internet. Na perspectiva de Zaoual (2006) o sítio apresenta várias entradas, cada uma levando aos seus labirintos: tudo é começo e recomeço, um processo que se reinventa em modo perpétuo. E ainda é um centro de gravitação dos comportamentos no espaço-tempo. Assim, o sítio é um marcador invisível de realidade, simultaneamente moldador e moldado, que mistura ordem e desordem (Zaoual, 2006).

Zaoual chama atenção ao cuidado e respeito aos valores culturais dos lugares na condução de novas práticas ou políticas aplicadas aos espaços, principalmente no que diz respeito ao turismo.

Conforme pontua, a implantação de estratégias ditadas pelo mercado é incapaz de entender os sinais para o desenvolvimento de qualidade, pois hoje o turismo é, sobretudo, “uma demanda existencial”.

Em geral nas grandes metrópoles e, particularmente na área estudada, as intervenções dos poderes estabelecidos – sejam programas de governos ou grandes projetos urbanísticos oriundos de políticas urbanas – imprimem na paisagem sinais ou marcas que transformam o *lugar*. Esses também impõem espacialidades inteiramente novas, pensadas por empreendedores imobiliários, burocratas e técnicos desvinculados do *ethos* do lugar.

As abordagens de Zaoual e Yi-Fu Tuan alimentam e apontam direções para desenhar o projeto multidisciplinar no Campo de Santana e no espaço da Casa Histórica de Deodoro, de forma a equilibrar as novas demandas e resgatar a vitalidade do lugar.

O Campo de Santana no contexto de transformações da cidade e sua vinculação com a Casa Histórica de Deodoro

O Campo de Santana e seu entorno é um importante sítio histórico da formação do Rio de Janeiro. Ainda no século XVIII, quando a cidade passa a ser a capital do Reino do Brasil, a região era periferia alagadiça, frequentada pelos excluídos. Essa condição tornou o local propício para a construção de várias igrejas, entre elas, a igreja de Santana, demolida posteriormente para a construção da Estação Ferroviária D. Pedro II, em 1858.

O Campo de Santana foi o segundo eixo de expansão da cidade depois da Rua da Vala – atual Rua Uruguaiana – e em 1808, com a chegada da família imperial, ali instalou-se o quartel central e o espaço passou a ser utilizado para manobras militares. No caminho até São Cristóvão, foi incentivada a construção de casas e sobrados onde viveram influentes cidadãos e a região tornou-se um centro do poder do Brasil Imperial. (Duarte, 2015).

No Campo de Santana também ocorreu a aclamação de D. Pedro como imperador do Brasil em 1822. Com isso, o lugar mudou o nome para Campo da Aclamação e, durante todo o século XIX, foi utilizado para festejos da nobreza, festas militares, entre elas a homenagem a vitória do Brasil na Guerra do Paraguai, e manifestações populares como as touradas (MELO, 2013). O Campo era, portanto, de domínio público: um lugar definido pela Igreja e o Império, um parque de diversão da sociedade brasileira que buscava formas de se inserir na civilização industrial que então surgia.

No entorno da praça, foram erguidas importantes construções como a Casa da Moeda – atual Arquivo Nacional – e o Palácio do Conde dos Arcos, que abrigou o Senado – hoje Faculdade de Direito. A região foi, então, um importante vetor para a urbanização da cidade. Em 1873, após anos de debates para a recuperação da área, August Glaziou, botânico e paisagista francês, realiza o projeto de ajardinamento do campo de Santana, que foi inaugurado solenemente em 7 de setembro de 1880 por D. Pedro II. O jardim em estilo romântico foi um dos primeiros atrativo turísticos da cidade (Duarte, 2015).

Um conjunto de casas coloniais completava o contorno da praça, entre elas a que foi moradia de Marechal Deodoro da Fonseca. Foi dali que, em 1889, saiu para reunir as tropas em São Cristóvão e voltar ao Campo para proclamar a República. Desde então, o local passou a chamar-se Praça da República.

A casa foi desapropriada pelo governo federal ainda em 1905, no mandato de Rodrigues Alves, com a intenção de transformá-la em um local de memória da República (MHEx/FC, 2009). Alguns anos depois, a Praça da República foi também um dos primeiros espaços considerados Patrimônio Histórico Nacional, quando este argumento era uma embrionária preocupação com a identidade nacional ainda nos anos de 1930.

Embora não seja possível aqui precisar o grau de envolvimento dos diferentes sujeitos locais, na perspectiva apontada por Zaoual, como comunidade de pertencimento, pode-se dizer que o Campo de Santana, envolvendo a praça e o entorno, é um espaço significativo na origem e no desenvolvimento da identidade carioca. Em diferentes épocas, do Império à República, esse campo bucólico do centro da cidade parece despertar no imaginário coletivo da população carioca uma carga positiva de afetividade com o lugar.

Entretanto, o espaço e as práticas sociais do lugar mudaram radicalmente ainda na primeira metade do século XX. O aspecto que atualmente conhecemos da região, se consolidou a partir da construção da Avenida Presidente Vargas, inaugurada em 1945, que foi projetada sobre uma nova lógica urbanística.

Em 1930 o arquiteto e urbanista francês Alfred Agache fez a primeira proposta de intervenção urbana de característica moderna no Rio de Janeiro em que introduziu várias questões emergentes comuns nas grandes cidades industriais, entre elas o planejamento de transporte de massa. Apesar do plano não ter sido todo executado, a construção da nova avenida de largas pistas, foi implementada durante o Estado Novo, quando o Campo de Santana, que já era considerado Patrimônio Histórico, foi destombado para permitir a transformação da região num grande eixo viário, para dinamizar a metrópole que se constituía.

Além do meio ambiente, a vida circundante também se alterou. A nova prática urbana centrada na abertura de grandes artérias para responder ao domínio do modelo rodoviário de desenvolvimento - adotado até hoje no país - resultou em vias de circulação para automóveis e ônibus alargadas que consomem o espaço público antes destinado aos pedestres.

O ritmo e a velocidade progressivamente configuram uma paisagem habitada anonimamente, reduzindo o espaço do cidadão. A pressa e os automatismos, componentes que definem a vida moderna, alteram a percepção do espaço. Com isso, o que era uma centralidade de rituais festivos da população, adquiriu a característica dos locais de confluência de trânsito intenso e parecem se configurar como lugares de passagem ou não-lugares.

A transformação de uso do solo no centro da cidade, principalmente após a perda do status de capital Federal, e a fusão do Estado da Guanabara, consolidou o esvaziamento do local e a praça pública caiu em abandono. Nas últimas décadas, a região do Campo de Santana/Praça da República/Central do Brasil se tornou um local tido como “perigoso”, pela incidência de assaltos e presença massiva de população de rua.

O sobrado colonial que morou o militar Manuel Deodoro da Fonseca, pouco antes de se tornar o primeiro presidente do Brasil, restou confinado: a rua alargada deixou apenas uma estreita calçada, de pouco mais de um metro de largura, para pedestres assustados que passam rapidamente. Tornou-se um espaço em que não é possível permanecer. Por outro lado, esta Casa forma um importante conjunto volumétrico em sequência com outros edifícios históricos, como o Palácio dos Arcos – atual faculdade de Direito – e em vizinhança com o Arquivo Nacional, um imponente edifício em estilo neoclássico de meados do séc. XIX, recuperado em 2004 após uma obra cuidadosa de restauro arquitetônico.

Nesse trecho em que temos uma diversidade rica de ambiência com usos diferenciados, a Casa Histórica de Deodoro manteve seu espaço amplo numa decisão histórica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico - IPHAN em 1988 que impediu a construção de uma torre do Tribunal Regional de Justiça nos terrenos ao lado. Até hoje ainda há uma disputa judicial pela sua posse, mas o que se verifica é um potencial ainda inexplorado do local que permanece deslocado, pois ocupa um amplo terreno de área livre – atualmente subutilizado como estacionamento e depósito, cercado por um muro que acentua o seu isolamento e afugenta o passante.

A configuração espacial do conjunto desses edifícios permanece na escala da cidade antiga e horizontal, que contrasta com a verticalização da grande avenida Presidente Vargas. Esta característica é, em si, um alento para o resgate da topofilia, da afetividade com o lugar, mas depende da qualidade e uso desses espaços e de uma prática social inclusiva, que reúna e atraia o cidadão para uma pausa no lugar.

A Casa Histórica de Deodoro é, potencialmente, uma extensão da Praça da República, o que sugere uma apropriação pública quotidiana do espaço transformado e atraente, que convide a momentos de pausa e ofereça outras perspectivas para o usuário de passagem. Nesse contexto, pausa é uma abertura para o exterior, vale dizer também uma abertura para o outro.

Do ponto de vista institucional, a parceria com a DPHCEX é uma oportunidade aberta para que o projeto se insira no contexto local. Assim, como mais um ator voltado a estabelecer relações e vínculos de outra natureza com o Campo de Santana, neste momento em que a região se transforma mais uma vez.

De fato, algumas iniciativas já corroboram para uma transformação dialogal do território. A Biblioteca Parque Estadual, idealizada por Darcy Ribeiro e projetada pelo arquiteto Glauco Campello, através de um concurso público de arquitetura nos anos de 1980, foi renovada e reinaugurada em 2014, e sua nova gestão deu início a uma atuação relevante na tentativa de estabelecer novos diálogos com a comunidade de modo inclusivo. Sobretudo no que se refere ao tratar da população de rua como parte integrante do seu público, o que é um avanço no panorama das grandes instituições culturais da cidade. Essas são ações que podemos classificar como em sintonia com a teoria do sítio de pertencimento, como definido por Hassan Zaoual.

Atualmente a região passa por transformações urbanísticas que acontecem em todo o centro da cidade do Rio de Janeiro, estimuladas pelos grandes eventos esportivos. Tais acontecimentos “espetacularizam” a cidade e mobilizam grandes investimentos voltados a um turismo de ocasião para um mercado “consumidor de lugares”.

A revitalização da área portuária, conhecida como Projeto Porto Maravilha, está alterando novamente a região do entorno do Campo de Santana, com a implantação do novo sistema de transporte. O VLT (Veículo Leve Sobre Trilho), que circulará pela Avenida Presidente Vargas, será integrado aos demais sistemas de transportes hoje ali existentes, como metro, ônibus e trem metropolitano. Certamente a acessibilidade da região central será beneficiada com o novo sistema de transporte coletivo de massa. No entanto, em que medida esse sistema, embora se integre aos demais meios de transporte já existentes, não acaba por reforçar os fluxos impessoais desse espaço, como lugar de passagem? Não seria necessário pensar, associadas às políticas urbanas para a região, estratégias que viabilizassem atrativos de pausa e fruição, que conectasse pessoas com o lugar?

Nesse sentido, é imperativo intensificar as tentativas de estabelecer novos vínculos com o território para além dos interesses mercadológicos imediatos, e reconstruir conexões de outra natureza no espaço e lugar. Esses nascem com políticas e ações em redes estratégicas, no encontro entre atores

locais e na construção de projetos resistentes ao que é simplesmente imposto. São, portanto, projetos que renovem as expectativas do imaginário popular e que construam pontes dialogais entre diferentes segmentos da sociedade.

O fato de ter sido moradia de Deodoro da Fonseca, personagem chave no período de transição de governo para a República, agrega ao lugar um ideal libertador. Além disso, traz um significado a ser resgatado, pois a “a casa é o nosso canto do mundo”, e nela está contida o ideal de cada um, segundo Gaston Bachelard. O valor positivo dos espaços protegidos e “louvados” é que podem ser imaginados, a imaginação aliada à vontade é criação, e esse, portanto, é o seu valor dominante que atrai (BACHELARD, 1988). Há também, uma função simbólica afetiva a ser considerada em todo o percurso do Projeto para que o espaço se torne um lugar desejado.

Pensado como um centro de convívio e atividades culturais de natureza dialogal, a poética do espaço tem uma função físico corpóreo afetiva, que contribui para incluir o “cidadão de passagem”, aquele que transita pelo lugar. Isso porque a ideia de casa simbolicamente, apresenta-se como um espaço de segurança ontológica, em que os indivíduos se (re)constituem como sujeitos, onde podem desenvolver uma ação, um discurso, um diálogo e reforçar seus laços com o lugar.

Janelas Abertas para a República – Um projeto, uma possibilidade

O projeto “Janelas Abertas para a República” foi elaborado para estimular a visita do Campo de Santana e da Casa Histórica de Deodoro, como ponto de apoio para a realização de roteiros interpretados, e polo dinamizador de uma rede de colaboração interinstitucional do entorno.

A metodologia adotada de roteirização dialogal vem sendo construída e adaptada, em projetos anteriores do LTDS – “Palácios do Rio” (2010-2012) e o “Roteiro dos Fortes: circuitos turísticos em Fortes e Fortalezas da Baía de Guanabara” (2012-2014) – com experiências e aprendizados institucionais mútuos. Conforme discutido por Egrejas (2014), essa metodologia é entendida como um processo dinâmico de mediação que pressupõe o rearranjo e a repactuação constante, com potencial para gerar novos significados a cada momento. Desta vez, o sítio elo da parceria é a “Casa Histórica de Deodoro”.

O projeto conta com equipe multidisciplinar (mestrandos, doutorandos e pesquisadores vinculados ao LTDS/PEP/COPPE/UFRJ) e professores do Curso de Turismo da UNIRIO, associados a um projeto de extensão. A participação ativa do gestor da Casa de Deodoro e da equipe técnica da Seção de Patrimônio e Projetos da DPHCEX, e com o Museu Histórico do Exército/Forte Copacabana vêm construindo a proposta em curso, que se distribui em algumas frentes de ação, como:

1. Elaboração de Inventário turístico do entorno realizado a partir de questionário semiestruturado de levantamento dos atrativos, que foi inspirado e adaptado do formulado pelo Ministério do Turismo (Mtur). O Inventário turístico é um dos elementos que auxiliam na elaboração dos roteiros de visita.

2. Levantamento histórico realizado com abordagem sociocultural, buscando ênfase em narrativas do cotidiano, mas do que os fatos consagrados da história. Entende-se que a abordagem da história política, pautada nos grandes feitos heroicos, a chamada história factual, vem sendo relativizada, podendo coexistir com outras leituras da história. Essa entendida não mais no sentido da “verdade”,

mas a partir de uma visão que se aproxima da nova historiografia, que reconhece a diversidade de representações do imaginário coletivo e que, inclusive, ganha ecos na “renovação da própria história militar”.

3. Elaboração de Roteiros de visitação com base nas interlocuções com os diferentes representantes institucionais do sítio, e demais produtos de pesquisa gerados no projeto, como inventários turísticos, levantamento histórico e inventário da Casa, produzidos com ênfase nas peculiaridades do lugar. Trata-se, então, de uma proposta diferenciada de se elaborar roteiros e realizar percursos, a partir da vivência do corpo no espaço, da possibilidade de pausa e do estímulo à vinculação com o lugar. Nesse contexto, visitas são entendidas como possibilidade de encontros.

4. Elaboração de Exposição como atrativo e forma de dinamização da Casa como espaço cultural. A proposta de exposição segue a metodologia dialógica e foi sendo elaborada em conjunto com parceiros e colaboradores, tendo como mote caricaturas de época do período de transição do regime político, do Império para a República.

5. Análise do potencial do patrimônio cultural e arquitetônico da Casa Histórica de Deodoro e proposta de redesenho de seus usos. Este estudo conta com uma primeira etapa de pesquisa histórica, levantamento físico e identificação da Casa. Uma segunda etapa de diagnóstico e a terceira, o estudo preliminar para uma proposta de intervenção.

6. Participação na “Semana Janelas Abertas para a República” – de 15 a 22 de novembro de 2015 – com a realização de guiamentos com público visitante, tendo a participação de guias formados no Curso de Turismo do Colégio Prado Jr. e de circuitos internos à Casa Histórica de Deodoro por soldados-condutores, previamente orientados para essa finalidade. Essa atividade integra também, a programação do “Rio UFRJ Carioca”, no âmbito das comemorações dos 450 anos da Cidade do Rio de Janeiro.

7. Fomento à formação de uma Rede de cooperação interinstitucional do entorno do Campo de Santana, com proposta de se elaborar uma programação cultural conjunta envolvendo as instituições do entorno.

A proposta Janelas Abertas para a República apresenta como valores: visão da singularidade dos sítios; perspectiva integrada da cidade; ponto de vista plural do patrimônio; trabalho compartilhado com os múltiplos atores do sítio – elemento de mediação como importante instrumento de reversão de processos de dessignificação e degradação dos sítios; e a busca de estratégias e diretrizes para a qualificação da Casa Histórica de Deodoro como espaço cultural.

A seguir é apresentado um breve resumo com algumas considerações iniciais desse processo que se encontra em andamento.

A Casa Histórica de Deodoro – como espaço cultural – potencialidades e desafios

Em 2012, pesquisadores do LTDS realizaram pesquisa exploratória com transeuntes, nos arredores da Casa Histórica de Deodoro, a partir de questionário semiestruturado, para o levantamento da percepção em relação à denominação do imóvel, seu personagem histórico e sua relação com os acontecimentos da transição política do País (Proclamação da República). O levantamento evidenciou, então, que a maioria das pessoas não sabiam quem foi Deodoro e não relacionavam o local da entrevista, a Casa Histórica de Deodoro, com o nome da Praça e o acontecimento que mudou o regime político do Brasil. Desde 2006, a Casa Histórica de Deodoro, abriga uma pequena exposição

sobre o Marechal Deodoro (MHEX/FC, 2009), com painéis, alguns pertences pessoais, mobiliário e exibição de jornais de época, para citar alguns.

Além de estar inserida numa região de passagem, conforme já mencionado, a falta de visibilidade da Casa pode estar vinculada a dificuldades internas, próprias das organizações fortemente hierarquizadas, como o Exército, na priorização das finalidades culturais diante da sua finalidade maior, que é a defesa. Bem como do relativo distanciamento entre a Instituição e as atividades com o público externo civil, salvo exceções. No entanto, há uma tentativa de modificar essa postura nos últimos anos, com a criação de um Sistema Cultural do Exército, conduzido por uma diretoria voltada à criação e consolidação de espaços culturais de origem militar, que se abre a parcerias e projetos como este em curso com o LTDS.

Mesmo no início da nossa pesquisa ainda em curso, fica claro que o espaço da casa que pretendia ser museu foi predominantemente tratado como espaço de acúmulo de objetos ao longo do tempo. Não há critérios valorativos em relação aos objetos presentes na casa e no jardim, e nem se conhece efetivamente as origens do que se colecionou, seja do ponto de vista histórico ou artístico. Trata-se em grande parte de “presentes” e doações realizadas a casa e/ou a militares e que passaram a ornamentar o espaço nas sucessivas gestões do lugar. No ambiente externo, por exemplo, há diferentes coleções que vão desde canhões presenteados por outras armas, marinha e aeronáutica, até instalação de vasos cerâmicos ornamentados.

As intervenções estruturais no prédio, também foram realizadas em períodos em que o rigor técnico era pouco considerado, sendo movidas pela visão da necessidade da ocasião. Somente a manutenção da volumetria do telhado foi orientada pelo Iphan e gerou uma polêmica documentada e registrada na sede carioca do órgão.

Em 2015, no projeto conceitual, busca-se ampliar o aspecto dialógico com o entorno – com instituições civis, bem como com as próprias instituições militares – para identificar critérios e propor intervenções com novos horizontes capazes de situar Casa Histórica de Deodoro e dar sentido ao lugar no contexto contemporâneo.

Análise preliminar

A Casa Histórica de Deodoro como tipologia, não pertence à categoria das grandes vilas e dos palácios, nem tão pouco foi projetada por algum arquiteto relevante da história das edificações da cidade. Também não faz parte de algum conjunto de fachadas que define um perfil urbano histórico importante. Apesar de tombada como um patrimônio arquitetônico, não é exemplo de domínio perfeito de uma linguagem precisa e clara de arquitetura, ao contrário do palácio vizinho, a antiga casa da moeda, uma obra marco emblemática de uma época. Não se trata, portanto, de uma obra excepcional comum aos guias turísticos e pode passar despercebida do olhar do espectador.

A Casa, entretanto, equilibra o desenho urbano do entorno da Praça e está integrada a paisagem que a enquadra, dá contorno e nitidez ao Campo de Santana. Pode-se dizer que sua arquitetura faz parte do jogo entre a praça e a rua. A fachada mantém as características típicas dos sobrados coloniais como no ritmo e forma das aberturas em arco, e se destaca a porta inferior maior para abrigo do cavalo – sempre associado a figura do Marechal.

A Casa preserva ainda paredes de pedras com modo construtivo típico de época, cômodos sem janelas (as antigas alcovas), e uma grande variação de ladrilhos hidráulicos em bom estado de conservação, com padrões gráficos de diferentes períodos do século XX, quando esta técnica era am-

plamente utilizada. Há ainda no pátio interno uma estrutura de parede em ruínas que pode revelar aspectos da construção original, que ali existira. No entanto essa estrutura foi coberta com verniz, e transformada em um monumento ao soldado desconhecido, esvaziando o aspecto arquitetônico e histórico que a estrutura por si só contém.

A forma do sobrado colonial da esquina evoca um lugar de morada. Para Yi-Fu Tuan “a forma arquitetônica é um meio ambiente para o homem” (YI –FU TUAN, 2012 p.133), influencia o sentimento humano e a consciência, pois é análogo a linguagem, como as palavras contém e intensificam os sentimentos.

“O meio ambiente construído, assim como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem arquitetura os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes” (YI –FU TUAN, 2012. p.132).

A arquitetura aprimora o conhecimento e a conceituação da realidade e, portanto, torna-se imprescindível que qualquer recuperação, reforma e restauração seja projetada de forma consciente com critérios tecnicamente corretos que pautem novas intervenções. A revitalização da Casa histórica, não pode ser tratada continuamente com apenas soluções emergenciais de manutenção predial operadas no cotidiano dos comandantes oficiais.

Por outro lado, o espaço deve ser projetado de modo a proporcionar o sentido de acolhimento. A casa que aproxima e acolhe, é um ponto de pausa para visitar e viver o Campo de Santana como um sítio de pertencimento. O aprimoramento do espaço pode constituir um novo lugar que fomenta e absorve diversificadas demandas culturais.

Considerações finais

O Campo de Santana e seu entorno, entendido como “sítio simbólico de pertencimento” não pode prescindir de seus atores locais, enraizados e imbuídos de comprometimento com o lugar, nem de um entendimento sobre as dimensões endógenas do sítio. A “topofilia” do Campo de Santana está contida nos transeuntes, nos moradores, nas instituições. É marca de experimentações plurais como um lugar fronteiro entre o campo e a cidade; entre a Monarquia e a República; a cidade e o subúrbio; a casa e a rua; entre o militar e o civil, e, por fim, entre o espaço e o lugar.

A cooperação numa perspectiva dialógica que se articula em objetivos comuns e ações integradas com participação de instituições locais são práticas de um projeto contínuo.

O estímulo à visitação de lugares/sítios históricos através de atividades culturais para diferentes públicos (como amostras, debates, seminários e etc.), podem servir de veículos mobilizadores da sociedade contribuindo para a integração de políticas públicas de cultura e turismo.

O enraizamento dos atores e instituições envolvidos em iniciativas de cuidado com o lugar requer esforços de coordenação e capacidade de conciliação de perspectivas e valores entre os “parceiros” que se engajam no objetivo comum.

A revitalização do Campo e da Casa é importante na valorização e visibilidade da dimensão pública do patrimônio e pode contribuir para aumentar a topofilia. Porém, cada lugar possui uma herança e uma trajetória, e também o potencial de um vir-a-ser que tenciona o espaço. O que é projetado no espaço da Casa torna-se elemento possibilitador ou limitador nesse processo e, por isso, precisa ser criteriosamente elaborado para não reforçar estereótipos e barreiras de interlocução com o meio militar.

É nesse sentido, que a Casa Histórica de Deodoro vem sendo um importante locus de articulação motivada por seu potencial enquanto um renovado espaço cultural. A atual gestão está voltada a busca de novas conexões entre o “dentro”, e o “fora”, para ampliar seus vínculos. O projeto Janelas Abertas para a República, favorece esse movimento por meio da metodologia dialogal utilizada, que potencializa a interface civil-militar no exercício de criar novas sinergias entre o exército e a sociedade. Também contribui em favor da qualificação e gestão dos espaços culturais sem que se subtraia a dimensão do lugar.

A Casa Histórica de Deodoro pode vir a ser um espaço simbólico do período marcado pela transição para a República, não apenas na referência como local histórico, mas também um lugar com a perspectiva original do conceito de República. Isto é, a res-pública, a coisa do povo, vale dizer o que é mantida em conjunto por muitas pessoas.

Construir sentidos é uma tarefa coletiva que exige esforços em continuidade. O Janelas Abertas para a República, para além de um projeto, é também um convite

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**; A poética do espaço. ; tradução Remberto Francisco Kuhnen, Antônio da Costa Leal, Lídia do Valle Santos Leal – NOVA Cultural, São Paulo, 1988.

DUARTE, C. B. **Plano de Gestão para o Campo de Santana**: subsídios e considerações. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2012.

____. **Campo de Santana**: no século XXI como no século XVIII De volta à condição de refúgio dos excluídos. XV Eneapur, Belo Horizonte 2015 disponível em http://xvienanpur.com.br/anais/?wpfb_dl=590 acessado em 10.07.2015

EGREJAS, M. **Roteirização dialogal**: a construção de roteiros turísticos com a participação da comunidade local. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2014. Tese de Doutorado, UFRJ/COPPE/Programa de Engenharia de Produção, Orientador: Roberto Bartholo.

MELO, V. A. de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 2013, v. 19, n. 40.

MHEX/FC. **Museu Histórico do Exército e Forte Copacabana**. Rio de Janeiro: Art Técnica Comunicação, 2009.

TUAN, Y-F.. **Espaço e Lugar**. Eduel, Londrina, 2013.

____. **Topofilia** . Eduel, Londrina, 2012.

ZAOUAL, H.. **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós global. Rio de Janeiro DP&A, 2006